

DA TEMÁTICA EM CEMITÉRIO DE ELEFANTES DE DALTON TREVISAN ⁽¹⁾

PETAR DIMITROV PETROV*

I. INTRODUÇÃO

De entre os mestres do conto brasileiro contemporâneo, lamentavelmente pouco divulgados em Portugal, há, sem, dúvida, um nome a assinalar: o do ficcionista Dalton Trevisan, cuja obra se insere numa escola literária de temática manifestamente urbana, a qual pertencem escritores também consagrados, como Rubem Fonseca, Fernando Sabino, João António, Ricardo Ramos, Moacyr Scliar, etc.

Com várias publicações que saíram a lume desde a década de sessenta, Dalton Trevisan sempre conseguiu surpreender e cativar pelo modo invulgar de expor as suas "estórias". Um dos seus livros mais significativos surgiu entre nós pela mão dos editores de Relógio d'Água, em 1984. Trata-se de *Cemitério de Elefantes*, título que passou praticamente despercebido ao leitor português.

Nesta pequena colectânea, o escritor brasileiro faz jus ao seu talento, revelando-se um contista singular. E assim é, por duas razões: primeiro, pela técnica e expressão narrativas, onde se afigura uma preocupação pelo essencial, lembrando o género da crónica quotidiana, com a presença de uma articulação hábil entre a linguagem coloquial e a linguagem literária; segundo, pela preocupação temática, quase que obsessiva, a reflectir o desamparo e a crueldade que determinam o des-

tino do homem anónimo na sociedade moderna.

Nesta perspectiva, no campo semântico, na obra de Dalton Trevisan podemos distinguir dois temas principais: por um lado a problemática do amor, na sua invulgar complexidade e diversidade e, por outro, a obsessão da morte, tema sempre subjacente e pedra de toque em tudo que é narrativa daltoniana.

II. O TEMA DO AMOR

Dos 23 contos da antologia em questão, onze estão construídos em torno do tema do amor. Todavia, Dalton Trevisan aborda a relação afectiva de maneiras diferentes. Em função disto, dividimos as onze narrativas em três grupos, a obedecer às seguintes problematizações:

1. O Amor Conflituoso

Seis contos apresentam conflitos amorosos vividos entre cônjuges. Estes estão na base das mortes violentas que finalizam três das narrativas: *O Primo*, *Questão de Família* e *O Baile*. *Caso de Desquite* conclui com a conciliação entre o marido e a esposa, *Dia de Matar Porco* é uma narrativa aberta, sem indícios sobre o destino das personagens e, em *Bailarina Fan-*

* Docente da ESE de Beja

tasista, o protagonista, decidido a matar a sua ex-mulher, causa de infelicidade conjugal, não consegue praticar o acto no derradeiro encontro.

O conflito amoroso, levando à morte ou não, é devido, sobretudo, a dois factores: por um lado ao ciúme e, por outro, ao **desentendimento**, resultado dos estatus do homem e da mulher na instituição familiar. Explicitemos melhor: nas tramas diegéticas daltonianas, os bons costumes pequeno-burgueses pré-determinam o papel da mulher na sua qualidade de esposa e mãe: submissão plena às vontades do marido e aos valores da comunidade. Qualquer fuga ou violação das normas estabelecidas provoca situações conflituosas que se repercutem, necessariamente, no seio da família. É o caso da insubmissão feminina que se verifica em **Gestão de Família**, **Dia de Matar Porco** e **Caso de Desquite**.

Igualmente, e tomando em linha de conta que a mulher é encarada como um mero objecto à mercê da vontade alheia, o ciúme, como motivo de tensão, é concebido porquanto privilégio exclusivo do marido. Da regra faz excepção o enredo de **Bailarina Fantasista**, onde a esposa ciumenta é a causa da separação.

No tratamento do tema do amor conflituoso, Dalton Trevisan recorre a uma exposição predominantemente baseada no discurso directo, com a evidente intenção de actualizar as histórias, tornando-as mais vivas junto do leitor. Como consequência, apresenta-se-nos um narrador não participante, mero observador de casos conflituosos, objectivo no tratar do tema, limitando-se a registar os acontecimentos, como uma câmara cinematográfica, focalizando-os de fora. Sem comentários de tipo valorativo, Dalton Trevisan obriga o leitor a questionar e a julgar por si as situações e os comportamentos das personagens ao longo da leitura.

2. O Amor Traído ou Adúltero

Esta temática rege a escrita de três "estórias": **O Roupão**, **A Visita** e **Ao Nascer do Dia**. Os motivos para a existência de infelicidade conjugal são-nos fornecidos pe-

las próprias personagens. Assim, em **O Roupão**, por exemplo, a mulher se prostitui porque "foi abandonada pelo marido, que a deixou por uma negra" (p.64). Em **A Visita**, a amante frustrada procura afecto fora da relação familiar, porque o marido, nas suas palavras "É um porco. Só me procura para uma coisa" (p.91).

Relativamente à problemática em questão, importa salientar que o jogo do amor proibido não chega a erotizar-se obsessivamente, pelo contrário, apresenta-se na sua forma estéril, banal e monótona, como se as personagens não pudessem ultrapassar as relações estabelecidas e estivessem condenadas a suportar-se mutuamente. Os desencontros e as disillusiones revelam-se nas próprias acções narrativas: em **O Roupão**, o amante é "traído" pela sua companheira com outro homem; em **Ao Nascer do Dia**, a mulher adúltera mantém relações com dois amantes antes de ser morta.

Impotentes em superar o amor de rotina, "os apaixonados" são obrigados a agir no intuito de salvar as aparências, encobrir as suas relações que os possam comprometer ou suscitar suspeitas. Assim, em **O Roupão**, o velho "vinha ao apartamento todas as noites menos uma. Uma noite por semana era destinada à família, as outras para ela"(p.66). Em **A Visita**, o protagonista recebe a amante acompanhada pela filha, "para não ficar falada"(p.89)

Explorando a já referida técnica de mostrar/registar os eventos, Dalton Trevisan introduz um elemento novo em dois dos contos: em **O Roupão** e **Ao Nascer do Dia**, o narrador faz parte do universo representado. Por um lado, predomina o diálogo, que se limita a apontar as relações vividas entre as personagens, por outro, o sujeito de enunciação alterna a focalização interna com a "imparcialidade" da externa. Por conseguinte, acções e personagens são apresentadas sob uma perspectiva restrita, parcelar, que obriga ao preenchimento dos vazios ou silêncios narrativos.

3. O Amor Imposto

Em **Dinorá**, **Moça de Prazer** e **A Ar-**

madilha, as relações afectivas são apresentadas como uma imposição e, como resultado, os protagonistas contentam-se em aceitar o facto de "viver" a morte existencial.

Na primeira narrativa, o monólogo da protagonista, confissão "no estilo de Fanny Hill" (p.49), é centrado na primeira experiência amorosa da confidente, imposta pelas circunstâncias. A presença de uma linguagem particularmente eloquente, carregada de adjectivos pomposos, exclamações excessivas e metáforas obscuras, parodia o discurso ultra-romântico. Apoderando-se de um estilo conhecido, reformulando-o com a introdução da ironia, Dalton Trevisan consegue desmistificar magistralmente o melodramatismo das situações descritas.

Em *A Armadilha*, o sujeito de enunciação é "caçado" pela sua companheira enamorada e obrigado a casar com a moça pelo facto de terem sido apanhados em flagrante delito amoroso pelo pai. Construída sobretudo em forma de diálogo, a digesse joga com o inesperado, com o suspense e o insólito da situação, o que dá um colorido especial ao narrado.

De um modo geral, nas "estórias" de Dalton Trevisan o tema do amor é extremamente problemático. O afecto é fonte de conflitos, adultérios, violações, que levam, por seu lado, a mortes e frustrações humanas. A harmonia afectiva aparece como utopia, algo impossível de concretizar. Por consequência, as personagens daltonianas são denominadas por angústias, os seus sentimentos amorosos jazem num cemitério existencial de mentalidades mesquinas que caracterizam a pequena burguesia urbana brasileira.

III. O Tema da Morte

A temática da morte é a que se impõe, directa ou indirectamente, em todas as narrativas de *Cemitério de Elefantes*. Explícitamente, em dez contos há referências a mortes físicas; nos restantes, os protagonistas vivem em estado de morte lenta, morte existencial.

1. A Morte Física

Em dez contos, a morte física é resultado directo de acções conflituosas entre personagens ou é consequência natural de estados enfermos. De morte provocada, sucumbem personagens em cinco narrativas; quatro delas, devido a amores problemáticos ou adúlteros (*O Primo*, *Questão de Família*, *O Baile*, *Ao Nascer do Dia*) e uma por motivos de ordem económica (*À Margem do Rio*). No grupo de narrativas cujo tema é a morte natural, distinguiamos as seguintes: *O Espião*, *Uma Vela para Dário*, *O Coração de Dorinha*, *A Casa de Lili e Cemitério de Elefantes*. Sem explorar o dramatismo das situações, Dalton Trevisan apresenta-nos as mortes como resultado inevitável de diferentes circunstâncias: Lili morre de desgosto, Dorinha e Dário de doenças de coração e os bêbados, do conto que dá título ao livro, são vítimas da vida marginal que levam.

De entre as narrativas referidas, convém destacar *O Espião* que, pelo tratamento do tema e pela técnica de expressão utilizada, é um caso exemplar da originalidade discursiva de Dalton Trevisan:

- O começo da narrativa é *in medias res*. O leitor é como que obrigado a visualizar a cena com a qual a trama se inicia e passa a acompanhar, tal como um espião, a evolução dos acontecimentos. O efeito de visualização cinematográfica é sugerido logo nas primeiras linhas:

"Só, condenado a estar consigo mesmo, fora do mundo, o espião espia. Eis um casarão cinzento, janelas quadradas, muro faiscante de caco de vidro" (p. 34)

- O discurso utilizado pelo narrador é o *indirecto*, portanto, predominantemente, informativo. Todavia, em algumas passagens, detecta-se o discurso *indirecto livre*, a comprovar a subjectividade e a aproximação do narrador em relação às suas personagens, no caso as meninas do orfanato:

"Umam cuidam bem de suas protegidas, como faz a galinha com seu pintinho. Ah!, criatura não existe mais perversa que a criança doente de solidão... (p.35)

"Morrem de medo no escuro e, Meu Deus, a quem gritar por socorro? (...)

Reboa no coraçãozinho apertado de angústia a profecia da superiora: o Diabo solto no mundo. Única salvação, minhas filhas, é a prece". (p.38)

- Paralelamente ao discurso indirecto livre, somos testemunhos de uma linguagem objectiva, como a de um repórter, realista, a beirar o naturalismo:

"Se uma fruta lhes cai, proventura, na mão - figo ou caqui, por exemplo -, devoram-na com a casca e tudo, a língua saburosa de prémio. Do capim chupam a doce aguinha. Comem terra e, algumas, o ouro do nariz. Outras têm ataque de bichas e rolam pelo chão rilhando os dentes."(p.39)

Pelo modo invulgar de apresentar o tema, Dalton Trevisan revela-se um consciente denunciador do destino da menina marginalizada pela família e pelo meio. Detendo-se ao longo de quase seis páginas sobre o percurso separação - solidão - infelicidade - morte, o narrador/"espião" desenha a sua personagem como sendo vítima de uma violência física e moral, que, por seu lado, encaminha os eventos para o fim trágico. **A morte natural** da menina, em **O Espião**, é preparada, prematuramente, pela solidão e pela incompreensão às quais é sujeita, realidades que consomem os protagonistas dos contos cujo tema central é a **morte existencial**.

2. A Morte Existencial

As personagens principais de **Os Botequins** e **Angústia de Viúvo** morrem lentamente. No primeiro caso, o protagonista, por presumível incompreensão familiar, procura o equilíbrio emocional na bebida. No outro, o viúvo, esquecido por todos após a morte da esposa, vive mergulhado numa solidão *sui generis*.

A morte existencial é devida a uma série de factores, como, por exemplo, à educação tradicional burguesa, que não propicia ao jovem, em **O Caçula**, uma razão válida para viver. Rosa e Augusta, em **Duas Rainhas**, são donzelas provincianas, obsecadas pelos valores da sociedade de consumo e, sofrendo os seus problemas afectivos, passam os dias à espera do "príncipe encantado" para concretizar o sonho mítico do lar doce lar. Lili morre de desgosto, após constantes desencontros amorosos (**A Casa de Lili**); Dorinha vive os seus recalamentos sexuais antes de sucumbir com a sua virgindade (**O Coração de Dorinha**).

Nos contos em questão, e no plano de expressão, chamamos a atenção para a recorrência ao tempo presente dos verbos por parte do narrador. Este recurso veicula, necessariamente, a ideia de estados permanentes e habituais de existência, centrados na solidão, no desvanecimento e na sufocação dos protagonistas. Desta maneira, Dalton Trevisan pinta-nos um mundo pessimista, no qual o homem surge como vítima da civilização contemporânea.

IV. Conclusão

No livro **Cemitério de Elefantes**, Dalton Trevisan retrata, fundamentalmente, as aparentes banalidades vividas no dia-a-dia pela pequena burguesia brasileira da sua cidade natal, Curitiba. Nos espaços fechados de betão armado, os protagonistas exteriorizam, principalmente, as suas obsessões e frustrações, de carácter afectivo e existencial, denunciando-se, pelo prisma do sujeito de enunciação, um panorama social particularmente sombrio.

Nesta perspectiva, os temas do amor conflituoso, frustrado, traído ou imposto e a morte física e existencial, delineiam uma espécie de **cemitério** ao olhar do leitor, cemitério de sentimentos de homens, mulheres e crianças, todos eles marginalizados, traídos, incompreendidos, isolados, brutalizados e humilhados. Trata-se de um universo humano condenado e entregue ao seu destino fatal, onde prevalece o tédio, a

solidão, a infelicidade e o desamor.

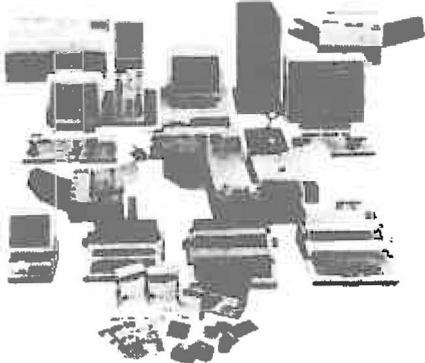
Com uma expressão narrativa centrada sobretudo no **showing**, no pincelar de jogos de contrastes, de sentimentos em choque, com uma linguagem simples, objectiva e directa e uma concisão extraordinária na apresentação das situações e acções diegéticas, Dalton Trevisan retrata com profundo pessimismo as desagregações familiar e social e, em consequência, sublinha a divisão interior das suas personagens em busca de uma identidade própria, impossível de ser alcançada.

NOTA:

1 - O presente ensaio é versão de um trabalho de investigação realizado no âmbito do Seminário Problemática da Leitura Literária, do Curso de Mestrado em Literatura Brasileira e Africanas de Expressão Portuguesa, orientado pela Professora Doutora Maria de Lourdes Ferraz, no ano lectivo de 1985/1986, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

RANK XEROX

**TEMOS TODOS
OS EQUIPAMENTOS
PARA O SEU
ESCRITÓRIO**



Contacte-nos já!

JV
J.V. - Sociedade de Representações, Lda

telef. 2 21 67

C.C. Carmo Lj 4-8 BEJA

**X Distribuidor
Autorizado
Rank Xerox**

Xerox o diálogo inteligente

L.A. CAMEIRINHA, LDA.

AUTOMÓVEIS:

PEUGEOT - ALFA ROMEO - UMM

•

CAMEIRINHA & FILHOS, LDA.

AUTOMÓVEIS:

RENAULT - BEJA

•

CAMEIRINHA -- AUTOMÓVEIS, LDA.

AUTOMÓVEIS RENAULT - ÉVORA

•

CAMEIRINHA, BELCHIOR &

MACHADO, LDA.

AUTOMÓVEIS E CAMIONS:

MERCEDES-BENZ E MITSUBISHI

•

CAMEIRINHA -- MÁQ. AGRÍCOLAS, LDA.

TRACTORES FIAT - ALFAIAS GALUCHO

•

LEONEL ANTÓNIO CAMEIRINHA

COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES GALP

•

RESIDENCIAL CRISTINA

UNIDADE HOTELEIRA DE ****



Aspecto das instalações RENAULT BEJA

UM GRUPO DE EMPRESAS AO SERVIÇO DO ALENTEJO